

Adeusinho, adeusinho, cousas de religião!

Salma Ferraz (UFSC)

ABSTRACT: The present article has the central objective to carry out a comparative study of profane and religious aspects between *A Relíquia* by Eça de Queiroz and *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* by José Saramago.

Neste artigo, tentaremos efetivar um possível encontro textual, um diálogo imaginário instituído pela ficção, construído a partir de temas recorrentes aos dois escritores, mesmo que separados por cem anos, não de solidão, mas de diálogo: Eça e Saramago, um, o principal representante do Realismo em Portugal, divulgador das tendências sociais da arte preconizadas pela Geração de 70, e o outro, contemporâneo, construtor de verdadeiras fábulas assombrosas, “...que plantou um verdadeiro everest em meio à planície das letras vernáculas”, ou ainda “...feiticeiro da língua, da ficção e da história, que mete tudo isto num caldeirão para dele tirar romances...”¹. Os textos que dialogam são: *A Relíquia* e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, num encontro de Evangelhos acanônicos.

Com relação à *Relíquia* não entraremos aqui na clássica discussão sobre a inverossimilhança do sonho de Raposão. O que nos importa é que, através do sonho, Teodorico foi “transportado fantasticamente para a Jerusalém do tempo de Cristo, vendo e descrevendo o grande drama

¹ TOLEDO, Roberto Pompeu de. “O mestre maior da Língua Portuguesa”. In: *Jornal do Brasil*, 1988, p. 6 - 11.

sagrado...”², ou ainda “*observando a Paixão de Cristo in loco...*”³. O que engrandece a narrativa é justamente a ausência dos claros limites entre sonhar e acordar, pois “*acordar é adentrar o sonho*” e “*dormir é retornar à realidade*”⁴.

Observemos como são tratados por Eça e Saramago os seguintes temas comuns aos dois livros: o templo, Maria Madalena, Maria, mãe de Jesus, Jesus Cristo, episódios sagrados e a História.

Tanto Eça como Saramago, nestas obras, constroem textos a partir de dados pertinentes à História. Eça, na introdução da *Relíquia*, já explicita os problemáticos contornos e limites entre História e ficção:

"... eu o revelo aos meus concidadãos nestas páginas de repouso e de férias, onde a realidade sempre vive, ora embaraçada e tropeçando nas pesadas roupagens da História, ora mais livre e saltando sob a caraça vistosa da Farsa". (R, p. 11)

Também Saramago, num de seus artigos abordando a mesma problemática, revela que:

"Duas serão as atitudes possíveis do romancista que escolheu, para a sua ficção, os caminhos da História: uma, discreta e respeitosa, consistirá em reproduzir ponto por ponto os factos conhecidos, sendo a ficção mera servidora duma fidelidade que se quer inatacável; a outra, ousada, leva-lo-á a entretecer dados históricos não mais que suficientes num tecido ficcional que se

² JORGE, J. de Melo. Teodorico Raposo. “A Influência do Meio”. In: *Os tipos de Eça de Queiros*. São Paulo: Livraria Brasil, 1940, p. 83

³ SILVEIRA, Francisco Maciel. *A Relíquia: uma reflexão heterodoxa à Fradique Mendes*. Separata do Boletim Cultural da Assembléia Distrital de Lisboa. Lisboa: Centro de Estudos Portugueses - III Série - n. 88 - 1. Tomo, 1982, p. 3 - 12.

⁴ Idem, p.6.

*manterá predominante. Porém, estes vastos mundos, o mundo das verdades históricas e o mundo das verdades ficcionais, à primeira vista inconciliáveis, podem vir a ser harmonizados na instância narradora"*⁵.

É desta forma que tanto Eça quanto Saramago utilizarão a História na composição das duas obras em análise, preenchendo os chamados "vazios" com o "tecido ficcional" ou com "a caraça vistosa da Farsa". São comuns na trama ficcional da *Relíquia* e do *Evangelho* os personagens retirados da História: Antipas Herodes, César Augusto, Pôncio Pilatos, Caio Tibério, etc. Todos são enredados e engendrados num tecido ficcional que se manterá predominante, mas há momentos em que as fronteiras tênues e nebulosas se esgarçam por completo, em que não sabemos ao certo se a História virou ficção, ou então, pelo contrário, a ficção passou a fazer parte da História.

Os dois escritores têm um prazer especial em ficcionalizar a História, pois segundo Saramago "*História e Romance seriam tão somente expressão da mesma inquietação dos homens*", e misturam na medida exata História e ficção para expressar a inquietação dos homens com a mais antiga história já conhecida: Vida e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Existem duas *Relíquias*. Uma anterior ao sonho e outra posterior a ele. Na anterior, explicita-se uma crítica feroz ao Catolicismo, seus santos, seu artificialismo, sua hipocrisia, suas relíquias. No sonho, a crítica se concentra no Cristianismo propriamente dito e é aí que percebemos os pontos de contato entre *A Relíquia* e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Aqui começa o diálogo.

No *Evangelho* o narrador é complacente com Cristo que lhe desenha o seguinte perfil: filho do homem, herdeiro direto da culpa de seu pai - José, responsável pela morte das crianças inocentes de Belém, discípulo do Diabo, obrigado a sacrificar no deserto a ovelha que tentara salvar, homem

⁵ SARAMAGO, José. "História e ficção" In: *Jornal de Letras*. Lisboa, 1990, p. 17.

inseguro nos braços de Madalena, mera cobaia nos planos de um Deus prepotente e déspota que aprecia o gosto do sangue. Enfim, Saramago mostra um Cristo humano, acuado, tentado fugir de seu destino inexorável, cujo desejo era envelhecer como qualquer simples mortal.

Já Eça não se preocupa com o dilema divino/humano, mas é inclemente na caracterização do filho de Deus. O seu Cristo tem os seguintes contornos: suposto amante de Cláudia, mulher de Pôncio, a qual ansiava por provar os beijos do profeta da Galiléia; que tocava fêmeas pagãs e se resfolegava com uma samaritana atrás de um poço; que aos trinta anos vagabundeava pelos campos, sem ter trabalho fixo e vivendo do que lhe ofertavam as mulheres dissolutas e que, quando perdoava a mulher adúltera, fazia isto por causa da frouxidão de sua moral e não devido à abundância de sua misericórdia.

Saramago enaltece o humano em Cristo, Eça dessacraliza-o de uma maneira vulgar e irônica, instaurando o profano no lugar do sagrado, destituindo-o de qualquer glória, considerando-o apenas um vagabundo prostituído.

Queremos crer que estamos diante de um *Evangelho Segundo Eça de Queiroz*. E qual seria então o evangelista a narrar os episódios desta paixão nos cânones realistas?

"Eu saberia então uma palavra nova do Cristo, não escrita no Evangelho; e só eu teria o direito pontifical de a repetir às multidões prostradas. A minha autoridade surgia, na Igreja, como a de um testamento novíssimo. Eu era uma testemunha inédita da paixão. Tornava-me S. Teodorico Evangelista!". (R, p. 88)

Assim, temos o *Evangelho Segundo São Teodorico*, um evangelista/ narrador/personagem que narra em primeira pessoa, autodiegético, utilizando-se por diversas vezes do

monólogo interior e discurso indireto livre⁶, mas que, de tanto desprezo pelo julgamento de Cristo, boceja durante o mesmo. Evangelista cuja profanação maior será trocar a “legítima” coroa de espinhos - a maior de todas as Relíquias do Cristianismo - por uma camisola cheirando a sexo e pecado e que ornado com uma rosa vermelha no peito expressando a sua alegria, despede-se de Jerusalém com o seguinte delírio de fé: “*Fica-te, pocilga de Sião*”. (R, p. 127)

Eça, em seu evangelho, demonstra uma certa simpatia pelo arquiinimigo de Cristo - o Diabo. Teodorico, a caminho da terra santa, em mais um dos seus sonhos, se vê diante de outra cena da crucifixão, em que estão presentes, ele - Teodorico/Evangelista, Cristo, um Ancião de túnica branca e o Diabo. É o próprio Diabo quem de certa forma aqui prevê o futuro do Cristianismo: “*Consummatum est, amigo! Mais outro deus! Mais outra religião! E esta vai espalhar em terra e céu um inenarrável tédio*”. (R, p. 52)

Após este diálogo o Diabo passa a relatar as delícias das festas, dos cultos, das religiões, de Elêusis, Babilônia, Ísis, Vênus, Osíris, dos deuses gregos e romanos até que:

“...aparecera este carpinteiro de Galiléia, e logo tudo acabara! A face humana tornava-se para sempre pálida, cheia de mortificação; uma cruz escura, esmagando a terra, secava o esplendor das rosas, tirava o sabor aos beijos; e era grata ao deus novo a fealdade das formas.” (R, p. 53)

O Diabo de Eça lastima a tristeza da face humana empalidecida por tantas mortes e o deus estranho criado pela religião da cruz.

No *Evangelho*, não há somente uma simpatia de Saramago pelo Diabo. Aliás, a simpatia de Saramago pelo Diabo é bem anterior ao *Evangelho* e perspassa toda a sua

⁶ REIS, Carlos - “A imagem da personagem”. In: *Estatuto e Perspectivas do Narrador na ficção de Eça de Queiroz*. Coimbra: Livraria Almedina, 1975, p. 270 - 300.

obra, numa releitura do papel do Diabo na História do Cristianismo. Mas *No Evangelho Segundo Jesus Cristo* ele é transformado no grande herói do cristianismo. É o sábio mestre de Cristo, quem o acompanha durante toda a vida e que no momento mais crucial, na cena da barca, no qual Deus revela a Cristo o destino dos humanos, sobe à barca para tentar salvar o Salvador e por extensão todos os seres humanos do futuro cruel e sangrento que lhes reserva a religião a ser forçosamente fundada por Cristo. É ele, após ouvir um assombroso relato sobre milhares e milhares de mortes, quem diz: *“É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue”*. (ESJC, p. 391)

Desesperado, Pastor pede perdão a Deus, promete-lhe obediência eterna, mas Jeová resiste à tentação do Diabo e responde-lhe com um enorme “não”, condenando o Diabo a ser eternamente o seu outro, o seu heterônimo. No *Evangelho* de Saramago, o grande sábio, profeta e Salvador não é Cristo - cobaia de Deus, mas sim, o Diabo, único capaz de enfrentar a Deus, ombro a ombro, face a face.

A dessacralização de episódios bíblicos ou a releitura dos mesmos pelo lado demoníaco é uma constante em Eça e em Saramago. Saramago relê o episódio das provas de Jó, solidariza-se com mais esta cobaia de Deus e reconhece que *“a sua pouca sorte foi ter-se tornado em involuntário objecto de uma disputa entre Satanás e o mesmo Deus, cada qual agarrado às suas idéias e prerrogativas”* (ESJC, p. 133). O crime de Caim também é relido pelo lado demoníaco, pois Caim é inocentado, um vez que morreu sem saber o porquê, talvez porque tivesse ofertado a Deus frutos da terra, e Deus, desde aquela época, só gostasse de gorduras, carnes e muito sangue. Aqui ocorre a carnavalização⁷, uma releitura “às avessas”, tentando ver o outro lado destes episódios bíblicos: Jó, outra cobaia, Caim, inocente, sendo talvez Deus o responsável pelo morte de Abel.

É através de sábio historiador e cientista, Topsius, que Eça dessacraliza uma das mais conhecidas personagens dos Evangelhos bíblicos: João Batista.

⁷ BAKHTIN, Mikhail. *Problemas das Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

"Mas, desgraçadamente, D. Raposo, o Batista não tinha originalidade. Santo respeitável, sim; mas nenhuma originalidade... O Batista imitava em tudo servilmente o grande profeta Elias; vivia num buraco, como Elias, cobria-se de peles de feras, como Elias; nutria-se de gafanhotos, como Elias; repetia as imprecações clássicas de Elias; e como Elias clamara contra o incesto de Acabe, logo o Batista trovejou contra o incesto de Herodíade. Por imitação, D. Raposo". (R, p. 66)

Depois o narrador relata toda a trajetória de São João Batista e termina com a seguinte frase *"...um negro da Iduméia, entrou, trazendo numa das mãos um alfanje, na outra, presa pelos cabelos, a cabeça do profeta. E assim acabou São João, por quem se cantam e se queimam fogueira numa doce noite de junho..."* (R, p. 67)

Saramago se apieda de Jó e inocenta Caim de toda e qualquer culpa, fazendo com que o profano se santifique. Já Eça ri e instaura o profano no lugar do sagrado transformando João Batista num santo nada original, imitador, quase um bobo.

O Templo de Jerusalém é usado pelos dois escritores como uma espécie de metáfora da Religião Cristã, uma vez que bem revela a quantidade de sangue a ser derramada pelos seguidores de Cristo. A descrição dos sacrifícios do templo em Eça é extremamente detalhada, ocupando quase seis páginas. Há um certo prazer irônico em retratar o templo como um lugar pagão: o sangue, as entranhas, a fumaça, os estranhos rumores e odores, as buzinas, as peças de carnes cruas, a gordura frita, o açafraão, mosquitos. Tudo é tão bárbaro que o Evangelista Teodorico ao descrever a cena tem ânsias de vômitos com o *"...dom melhor que o Senhor reclamou a Moisés"* (R, p. 108). Constatemos a riqueza de detalhes:

“As buzinas ressoavam; um grito de animal ferido perdia-se no tumulto sacro; por cima das tiaras brancas, duas mãos vermelhas erguiam-se ao ar, sacudindo sangue; da grelha do altar ressaltava, avivada pelos óleos e gordura, uma chama de alegria e de oferta; e o fumo avermelhado e lento ascendia serenamente ao azul, levando nos seus rolos o cheiro que deleita o Eterno”. (R, p. 108)

A cena é tão constrangedora que o (des)evangelista assim encerra o seu relato: *“...Então com os dentes cerrados, mostrei o punho a Jeová e à sua cidade, e bradei: - Arrasados sejais!”. (R, p. 108/109)*

Saramago não economiza palavras nem espaço, pois são também quase seis páginas para relatar as atrocidades do templo: as avezinhas indefesas, o cheiro de sangue misturado com o cheiro de excrementos e que lava as escadas, as facas, os cutelos, os serrotes, suor, tudo isto leva o narrador a, enfasiado, concluir o relato: *“... o corpinho esventrado e flácido da rola não enche a cova de um dente de Deus.” (ESJC, p.101)*

No decorrer de nossa análise, percebemos que há textos que dialogam muito intimamente. Observemos este trecho do *Evangelho* em que Deus responde a Cristo na barca, dizendo qual seria o seu papel: *“A um mártir, convém-lhe uma morte dolorosa, e se possível infame, para que a atitude dos crentes se torne mais facilmente sensível, apaixonada, emotiva.” (ESJC, p. 371)*

O texto abaixo retirado da *Relíquia* parece complementar o texto do *Evangelho*:

*“Mas o saduceu de melenas oleosas ergueu devagar a mão, ligadas em tiras sagradas:
- Sossegai; Jeová é grande; e tudo em verdade determina para melhor... No Templo e no conselho não faltarão jamais homens fortes que mantenham a velha ordem; e em cima*

dos calvários, felizmente, hão de sempre erguerem-se as cruzes". (R, p. 114)

O saduceu, personagem de Eça, seria extremamente verossímil se participasse do diálogo na barca de Saramago. Ou então esta frase soaria muito bem se dita pelo Diabo de Saramago.

Comparemos outros dois textos em diálogo. Na cena da barca, uma das mais importante do *ESJC*, na qual estão Cristo, Deus e o Diabo, o Filho do Homem quer saber quanto sangue e morte custará a vitória de Deus sobre os outros deuses. Deus começa a contar e se cansa dizendo que aquela era uma história interminável de ferro e sangue.

Cristo insiste e Deus, forçado, desfila um dicionário de barbárie, com todos os tipos mais cruéis e impensáveis de mortes, um alfabeto inteiro de terror, começando por "A" e terminando com a letra "W", exatas 140 linhas de mártires, sangue e tormentos. Cansado, Deus acrescenta: "*Idem, idem, idem basta*" e ainda "*... não, não tenho palavras bastantes para contar-te das mortandades, das carnificinas, das chacinas...*". (*ESJC*, p. 385/388)

É a observação do evangelista Teodorico que poderia entrar aqui como resumo deste alfabeto de sangue, pois em suas futurações assim se expressa:

"E sentia uma densa melancolia entenebreecer a minha alma, pensando nessas cruzes vindouras [...] Assim seria, oh dura miséria! Sim! De ora em diante por todos os séculos a vir, iria sempre recomeçando em torno à lenha das fogueiras, sob a frialdade das masmorras, junto às escadas das forças - este afrontoso escândalo de se juntarem sacerdotes, patrícios, magistrados, soldados, doutores e mercadores para matarem ferozmente, no alto de um morro, o justo que, penetrado do esplendor de Deus, ensine a adoração em espírito ou cheio do amor dos

homens, proclame o reino da igualdade!". (R, p. 114)

Maria de Magdala é redimida do papel de uma mísera prostituta que atrapalhou os sagrados caminhos do messias, tanto por Eça como por Saramago. O escritor realista, através da sátira, atribui ao amor de Madalena, o nascimento do Cristianismo:

"Então Maria de Magdala, crente e apaixonada, irá gritar por Jerusalém - 'ressuscitou, ressuscitou!' E assim o amor de uma mulher muda a face do mundo, e dá uma religião a mais à humanidade!". (R, p. 121)

Já Saramago inicia seu Evangelho posicionando-se ao lado da mulher milernamente rejeitada: *"Apenas uma mulher que tivesse amado tanto quanto imaginamos que Maria Madalena amou poderia olhar desta maneira..."*. (ESJC, p. 16)

Madalena é uma personagem feminina das mais marcantes na obra de Saramago. Ocupa o papel de Amante e Mãe, uma vez que Maria passa a ela os cuidados do filho. Sua sabedoria se expressa em diversas falas. Suplanta em muito a insegura Maria. Ao lado de Cristo, em todos os momentos de amargura, acaba por ser delineada como a verdadeira discípula amada. É a grande mulher dos evangelhos e de toda a obra de Saramago.

Pelo contrário, Maria, mãe de Jesus, não encontra boa acolhida nos dois evangelhos analisados. Para Saramago, Maria é uma figura insignificante, sem dotes especiais, que trabalha feito um burro de carga, nem piedosa, nem justa, que *"... não passa dum repariguinha frágil, por assim dizer dez réis de gente [...] Apesar da fraca figura..."*. (ESJC, p. 30)

Para Eça, Maria não merece quase menção no sonho de Teodorico, sua participação nos atos é mínima. Numa das raras vezes em que aparece, o narrador assim a retrata:

"Com a sua cântara vermelha ao ombro, elas subiam por entre os sicômoros à fonte onde

Maria, mãe de Jesus, ia todas as tardes, cantando como estas e como estas vestida de branco[...] Era diante desta suave modéstia que Santo Antonino, apoiado ao seu bordão, sacudindo a sua longa barba, suspirava: 'Oh virtudes claras, herdadas de Maria cheia de graça!'. Eu por mim, rosnava secamente 'lambisgóias'." (R, p. 123)

“Fraca figura” para Saramago, comparada a um “lambisgóia” por Eça. Pobre Maria que aqui não encontra graça nenhuma. O dois preferem Madalena, a pecadora, em detrimento de Maria, a santa.

O *Evangelho Segundo Jesus Cristo* é a boa nova de alguém extremamente apaixonado, não por Deus, vilão maior do *Evangelho*, mas pelos homens, estes sim, talvez os verdadeiros e únicos deuses. O (des)evangelho vai mais além pois se opõe a todo o tipo de dominação e poder, a todos os tipos de deuses.

O *Evangelho Segundo São Teodorico* é extremamente nihilista, desmistifica toda a fé descabida e cega revelando o jogo dicotômico entre Aparência e Essência, mostrando toda a “...hipocrisia religiosa que nasce com a morte de Cristo, cuja ressurreição - uma farsa, segundo o Autor - foi responsável pelo estabelecimento do Cristianismo”⁸. Enfim, retrata o cristianismo como um embuste, uma lenda, nada mais do que isto, pois afinal Cristo não ressuscitou.

Por tudo que analisamos sobre *A Relíquia*, não podemos concordar que esta obra seja “*um anedota de gosto duvidoso*”⁹.

Finalizamos este diálogo evangelístico, sem citar nenhum dos evangelhos aqui estudados, mas mencionando outro poeta português que também se preocupou com as estranhas relações entre os deuses e os homens: Antero de Quental. O soneto *Divina Comédia* poderia perfeitamente ser a

⁸ SILVEIRA, Francisco Maciel. Op. cit., p. 7.

⁹ MEYER, Augusto. “Eça”. In: *Textos Críticos*. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 227.

epígrafe dos dois (des)evangelhos paródicos e profanos aqui citados:

*“Erguendo os braços para o Céu distante
E apostrofando os deuses invisíveis,
Os homens clamam: - ‘Deuses impassíveis,
A quem serve o destino triunfante,*

Porque é que nos criastes?!

*...
Porque é que para a dor nos evocastes?’
Mas os deuses, com voz inda mais triste,
Dizem: - ‘Homens! porque é que nos
criastes?’!”*

Bibliografia

BERRINI, Beatriz. “História e ficção - Oliveira Martins, Eça de Queiroz, José Saramago” In: *Anais do XIV Encontro de Professores de Literatura Portuguesa - IV Seminário de Estudos Literários*. São Paulo: Arte & Cultura, 1995, p. 227 - 235.

LISBOA, Maria Manoel. “Uma caixa de fósforos ou como o mundo acaba: a risada vingativa de Eça de Queiroz”. In: *ARCA - Revista Literária Anual - Eça de Queiroz*. Porto Alegre: Paraula, 1995, p. 35-54.

QUEIROZ, Eça de. *A Relíquia*. Coleção Prestígio. São Paulo: Ediouro, s/d.

SARAMAGO, José. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. 5a. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Tereza Cristina Cerdeira da. “Saramago e Redol: Referência e Reverência”. In: *Anais do XIV Encontro de Professores de Literatura Portuguesa - IV Seminário de Estudos Literários*. São Paulo: Arte & Cultura, 1995, p. 106-115.

